

ÁUSTRIA – VIENA

Foi uma grande surpresa o facto de todos os alunos andarem descalços ou de pantufas.



Apenas fui assistir a uma aula, que acabou por não ser dada devido à presença dos alunos estrangeiros do Projecto Comenius.

Gostava de ter assistido a mais aulas e que tivessem sido dadas como se fossem “dias normais”.

As pessoas com quem mais falei foram as italianas e gostei muito de todas as trocas de experiências que fizemos. Eles foram o meu grande apoio quando não havia mais pessoas portuguesas.



Os cinco (Goran, Maria Cristina, Eleonora, Valerio e Gabriel) foram amigáveis e atenciosos em todas as situações.

Aprendi imenso com eles (principalmente a falar a sua língua) e não me importei nada de ajudar o Goran a quebrar a barreira da língua.



Os alunos da Hungria apenas falavam alemão e tive imensa pena de não poder conhecê-los. Não me faz qualquer tipo de impressão que sejam mais novos, até porque são bem mais responsáveis que alguns dos alunos mais velhos.

As alunas da Turquia pareciam-me atinadas no início, mas depois deixaram-se levar pelas influências (más, a meu ver!) das raparigas austríacas, o que me fez hesitar um pouco em estabelecer um contacto mais próximo.

As raparigas austríacas usaram esta semana como pretexto para se mostrarem, fazendo parecer que têm certos hábitos que no seu dia-a-dia não existem e, na verdade, eu teria preferido viver tal e qual como eles vivem quando não estamos lá. Ainda assim, não considero que o meu contacto com elas tenha sido negativo.





Sinceramente, esperava mais de uma família que recebe alguém vindo de fora. Contudo, não considero a minha família como um aspecto negativo da viagem.

Quanto ao pai da Nathalie, não posso emitir qualquer tipo de opinião, pois não estive com ele mais de um minuto (chegámos a casa, ele estava na sala, demos um aperto de mão e nunca mais o vimos).

A mãe da Nathalie pareceu-me uma pessoa muito querida e atenciosa. Tenho a certeza que não falei mais com ela apenas porque não havia nenhuma língua que ambas soubéssemos. No entanto, nas vezes em que na Nathalie traduziu, ela foi muito querida e repetiu por várias vezes que tinha muito gosto em me ter a mim e ao Goran na sua casa.

Se à noite não tivéssemos saído todos dias, teria sido mais interessante, pois isso ia permitir que tivéssemos um serão em família.

A Nathalie sempre me deu tudo o que precisava, perguntava se tínhamos fome, nunca nos deixou ir sozinhos para casa, sempre ficou para último a tomar banho, etc, etc... Penso que isso foi muito bom para que, eu e o Goran, nos tenhamos sentido bem no pouco tempo que estivemos em casa.



Gostei muito de ver a sinagoga (nunca tinha estado numa) e o museu Judaico. Desta forma, conheci uma religião da qual apenas tinha ouvido falar.



Adorei o Museu de Arte Moderna, onde reflecti bastante sobre a vida que levo e me apercebi de coisas que acontecem no dia-a-dia tão naturalmente que nem dou conta. A principal questão que pus a mim mesma foi: até que ponto somos livres?

Os transportes públicos de Viena estão cheios quer seja hora de ir para o trabalho, quer seja meio da manhã.

Krems é uma cidade gira e deu-me muito gozo andar “a passear” por lá. Gostava de o ter feito mais lentamente e de ter tido tempo para ir ao castelo.



Odiei o museu da caça. Compreendo que seja importante alertar as pessoas para o facto de haver quem pratique caça por desporto, mas não considero que isso seja tema para se fazer um museu.

Gostei de ambas as refeições que fizemos em Krems.

É difícil escolher a situação que mais me divertiu e impossível dizer todas! Lembro as seguintes:

- Descobrir que os cães italianos fazem “bau-bau” e não “ãõ-ãõ”.



- Ensinar a Maria Cristina a contar em português.
- Conversas no comboio com o Goran e a Nathalie.
- Ver o Goran a mostrar-me a roupa do dia seguinte, escolher a roupa para a discoteca e o facto de ele ficar na mesma quando eu lhe disse que me ia vestir.
- Ouvir o Valerio dizer algumas asneiras em português.
- O Goran e o Gabriel a falarem inglês um com o outro.

Houve, todavia, uma situação constrangedora. Na noite em que fomos à discoteca, todas as raparigas se vestiram de uma forma que eu considero exagerada e eu decidi manter o meu registo. Senti-me constrangida com a roupa que elas tinham e com os seus comportamentos nos transportes até à discoteca.



Entre as experiências que considero mais enriquecedoras, refiro:

- . O PowerPoint sobre Antalya apresentado pela Lara.
- . Tudo o que aprendi sobre Itália e a língua italiana.



Falando das professoras, sempre se preocuparam connosco: como íamos para casa, se as coisas estavam bem organizadas, se tínhamos comido e, acima de tudo, nunca recusaram ouvir todas as histórias que tínhamos para contar.

Na última noite quiseram saber de tudo... Senti um grande apoio. Obrigada!

Gostei da atitude das professoras portuguesas perante a “discussão” sobre se deveria haver ou não haver mais apresentações.

